

UMA LEMBRANÇA DE EXISTÊNCIAS PASSADAS

Num artigo biográfico sobre *Méry*, publicado pelo *Journal littéraire*, de 25 de setembro de 1864, encontra-se a passagem seguinte:

"Há teorias singulares, que são para ele convicções.

"Assim, crê firmemente que viveu várias vezes; se lembra das menores circunstâncias dessas existências precedentes, e os detalhes com uma verve de certeza, que se impõe como uma autoridade.

"Assim, ele foi um dos amigos de Virgílio e de Horácio, conheceu Auguste Germanicus, fez a guerra nas Gálias e na Germânia. Foi general e comandou as linhas romanas quando atravessaram o Reno. Ele reconhece nas montanhas os lugares onde acampou, nos vales os campos de batalha onde combateu. Lembra-se das conversas com Mecenas, que são o objeto eterno de seus lamentos. Ele se chamava Minius.

"Um dia, em sua vida presente, estava em Roma e visitava a biblioteca do Vaticano. Ali foi recebido por jovens, noviços com longas roupas castanhas, que se admiram a lhe falarem o latim mais puro. Méry era bom latinista, em tudo o que se prende à teoria e às coisas escritas, mas não tinha ainda tentado conversar familiarmente na língua de Juvenal. Ouvindo esses Romanos de hoje, admirando esse magnífico idioma tão bem harmonizado com os monumentos, com os costumes da época onde era usado, pareceu-lhe que um véu caiu de seus olhos; pareceu-lhe que ele mesmo havia conversado, em outros tempos, com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases inteiras e irrepreensíveis caíam de seus lábios; encontrou imediatamente a elegância e a correção, falou latim, enfim, como fala francês; teve em latim o espírito que tem em francês. Tudo isso não podia se fazer sem uma aprendizagem e, se não tivesse sido um modelo de Augusto, se não tivesse atravessado esse século de todos os esplendores, não teria improvisado uma ciência, impossível de adquirir em algumas horas.

"Sua outra passagem sobre a Terra ocorreu nas índias, eis por que os conhece tão bem; eis porque, quando publicou *a Guerre du Nizam*, não houve um de seus leitores que haja duvidado que ele tivesse habitado por muito tempo a Ásia. Suas descrições são vivas, seus quadros são os originais, faz tocar com o dedo os menores detalhes, é impossível que não haja visto o que conta, a marca da verdade ali está.

"Ele pretende penetrar nesse país com a expedição muçulmana, em 1035. Viveu cinquenta anos, passou belos dias, e ali se fixou para não mais sair. Lá era ainda poeta, mas menos letrado do que em Roma e em Paris. Guerreiro de início, sonhador em seguida, guardou em sua alma as imagens impressionantes das margens do rio Sagrado e dos ritos hindus. Tinha várias moradas, na cidade e no campo, orou nos templos de elefantes, conheceu a civilização avançada de Java, viu de pé as esplêndidas ruínas que assinala, e que se conhece ainda tão pouco.

"É preciso ouvi-lo contar esses poemas; porque são verdadeiros poemas quanto essas lembranças de Swendenborg. Ele é muito sério, não duvideis disto. Não é uma mistificação arranjada às custas de seus ouvintes, é uma realidade da qual ele chega a vos convencer.

"E suas doutrinas sobre a história, que possui admiravelmente! E esses gracejos tão finos, que lançam uma nova luz sobre tudo o que elas tocam! E seus relatos, que são romanos, onde se choraria se ousasse, depois de ter rido sem impedir de fazê-lo! Tudo isso faz de Méry um dos homens mais maravilhosos dos tempos em que viveu, e mesmo daqueles em que sua alma errante esperava sua vez, a fim de reentrar num corpo e de fazer de novo falar dele às gerações sucessivas.

PIERRE DANGEAU."

O autor do artigo não acompanha esse fato de nenhuma reflexão. Depois de ter exaltado o alto mérito de Méry e sua alta inteligência, foi inconsequente de taxá-la de loucura. Se, pois, Méry é um homem de bom senso, de um alto valor intelectual; se a crença de já ter

vivido é nele uma convicção; se essa convicção não é nele o produto de um sistema de seu modo, mas o resultado de uma lembrança retrospectiva e de um fato material, não há ali do que despertar a atenção de todo homem sério? Vejamos a quais incalculáveis consequências nos conduz este simples fato.

Se Méry já viveu, ele não deve fazer exceção, porque as leis da Natureza são as mesmas para todos, e, desde então, os homens devem também ter vivido; se se viveu, não é seguramente o corpo que renasce: é, pois, o princípio inteligente, a alma, o Espírito; temos, pois, uma alma. Uma vez que Méry conservou a lembrança de várias existências, uma vez que os lugares lhe lembram o que viu outrora, na morte do corpo a alma não se perde, pois, no todo universal; portanto, ela conserva a sua individualidade, a consciência de seu *eu*.

Méry, lembrando-se do que foi há quase dois mil anos, em que se tornou sua alma no intervalo? Ele se submergiu no oceano do infinito ou se perdeu nas profundezas do espaço? Não, sem isso ela não reencontraria a sua individualidade de outrora. Ela deveu, pois, permanecer na esfera de atividade terrestre, viver da vida espiritual, no meio de nós ou no espaço que nos cerca, até que tivesse retomado um novo corpo. Méry não sendo o único no mundo, há, pois, ao nosso redor uma população inteligente invisível.

Renascendo na vida corpórea, depois de um intervalo mais ou menos longo, a alma renasce no estado primitivo, no estado de alma nova, ou aproveita as ideias adquiridas em suas existências anteriores? A lembrança retrospectiva resolve a questão por um fato: se Méry tivesse perdido as ideias adquiridas, não teria reencontrado a língua que falava outrora; a visão dos lugares não lhe teria lembrado nada.

Mas se já vivemos, por que não reviveríamos ainda? Por que esta existência seria a última? Se renascemos com o desenvolvimento intelectual realizado, a intuição que trazemos das ideias adquiridas é um fundo que ajuda a aquisição de novas ideias, que tornam o estudo mais fácil. Se um homem não é senão um meio-matemático numa existência, será preciso menos trabalho numa nova existência para ser um matemático completo; está aí uma consequência lógica. Se tornou metade bom, se corrigiu de alguns defeitos, ser-lhe-á preciso menos trabalho para se tornar ainda melhor, e assim por diante.

Nada daquilo que adquirirmos em inteligência, em saber e em moralidade não está, pois, perdido; que morramos jovens ou velhos, que tenhamos ou não o tempo de o aproveitar na existência presente, nós lhe recolheremos os frutos nas existências subsequentes. As almas que animam os Franceses civilizados de hoje podem, pois, ser as mesmas que animavam os bárbaros Francos, Ostrogodos, Visigodos, os selvagens Gauleses, os conquistadores Romanos, os fanáticos da Idade Média, mas que, a cada existência, se dá um passo adiante, apoiando-se sobre os passos feitos precedentemente, e que avançarão ainda.

Eis, pois, o grande problema do progresso da Humanidade resolvido, o problema contra o qual se chocaram tantos filósofos! está resolvido pelo simples fato da pluralidade das existências. Mas quantos outros problemas vão encontrar a sua solução na solução deste! Que horizontes novos isso não abre! É toda uma revolução nas crenças e nas ideias.

Assim raciocinará o pensador sério, o homem refletido; um fato é um ponto de partida do qual ele deduz as consequências. Ora, quais são os pensamentos que o fato de Méry desperta no autor do artigo? Ele mesmo os resume nestas palavras: "Há teorias singulares, são para ele convicções."

Mas se esse autor não vê senão uma coisa bizarra, pouco digna de sua atenção, isso não poderia ser do mesmo modo com todo o mundo. Tal encontra em seu caminho um diamante bruto que não se digna recolher, porque não lhe conhece o valor, ao passo que um outro saberá apreciá-lo e disso tirará proveito.

As ideias espíritas se produzem hoje sob todas as formas; elas estão na ordem do dia, e a imprensa, sem querer confessá-lo, as registra e as semeia em profusão, crendo não enriquecer suas colunas senão com gracejos. Não é notável que todos os adversários da ideia, sem exceção, trabalhem com seu desconhecimento para a sua propagação? Gostariam de se calar e a força das coisas os arrasta a dela falar. Assim o quer a Providência, -para aqueles que creem na Providência.

Raciocinais, dir-se-á, sobre um fato isolado que não pode fazer lei; porque, se a pluralidade das existências é uma condição inerente à Humanidade, por que todos os homens

não se lembram como Méry? A isto respondemos: Tomai o trabalho de estudar o Espiritismo e sabê-lo-eis. Não repetiremos, pois, o que foi cem vezes demonstrado relativamente à inutilidade da lembrança para aproveitar a experiência adquirida nas existências precedentes, e o perigo dessa lembrança para as relações sociais.

Mas há, para esse esquecimento, uma outra causa de alguma sorte fisiológica, e que se prende ao mesmo tempo à materialidade de nosso envoltório e à identificação de nosso Espírito pouco avançado com a matéria. À medida que o Espírito se depura, os laços materiais são menos tenazes. O véu que obscurece o passado é menos opaco; a faculdade da lembrança retrospectiva segue, pois, o desenvolvimento do Espírito. O fato é raro sobre a nossa Terra, porque a Humanidade nela é ainda muito material; mas seria um erro crer que Méry nela seja um exemplo único. Deus permite, de tempos em tempos, que isso se apresente, a fim de levar os homens a tomar conhecimento da grande lei da pluralidade das existências, única lei que lhe explica a origem de suas qualidades boas ou más, lhe mostra a justiça das misérias que ele sofre neste mundo, e lhe traça o caminho do futuro.

A inutilidade da lembrança para aproveitamento do passado é o que se tem mais dificuldade em compreender para aqueles que não estudaram o Espiritismo; para os Espíritas é uma questão elementar. Sem repetir o que foi dito a esse respeito, a comparação seguinte poderá facilitar-lhe a inteligência.

O escolar percorre a série de classes, desde a oitava até a filosofia. O que aprendeu na oitava lhe serve para aprender o que se ensina na sétima. Suponhamos agora que no fim da oitava haja perdido toda lembrança do tempo passado nessa classe, seu Espírito por isso não será menos desenvolvido, e equipado de conhecimentos adquiridos; somente não se lembrará nem onde nem como os adquiriu, mas, pelo fato do progresso realizado, está apto a aproveitar as lições da sétima. Suponhamos, além disso, que na oitava tenha sido preguiçoso, colérico, indócil, mas que haja sido castigado e moralizado, seu caráter tenha se rompido, e que tenha se tornado laborioso, dócil e obediente, levará essas qualidades em sua nova classe que, para ele, parecerá ser a primeira. Que lhe serviria saber se foi fustigado por sua preguiça, se agora não é mais preguiçoso? O essencial é que chegou na sétima melhor e mais capaz do que era na oitava. Assim o será de classe em classe.

Pois bem! o que não teve lugar para o escolar, nem para o homem nos diferentes períodos de sua vida, existe para ele de uma existência à outra; aí está toda a diferença, mas o resultado é exatamente o mesmo, embora sobre uma maior escala.

(KARDEC, Allan. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993, p. 328-333).